

# Cimi denuncia redução das reservas indígenas

**RICARDO JULIO**  
Da Sucursal de Brasília

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) divulgou ontem, em Brasília, um relatório denunciando uma redução de 64,58% nas áreas indígenas da Amazônia Ocidental (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima), nos cinco anos do governo Sarney. Segundo o relatório, nesse período, as áreas indígenas foram reduzidas de 13.696.945 hectares para 4.852.090 hectares.

O território de 8.844.855 hectares que, segundo o órgão da Igreja dominado pela "esquerda católica", foi retirado das reservas indígenas, teria sido transformado pelo governo em "floresta nacional". Isso permitiu a ocupação da região por interesses econômicos diversos, como garimpos e mineração. Nas áreas indígenas, os índios têm autonomia para decidir sobre a utilização de seu território.

Segundo o Cimi, a criação das florestas nacionais tornou as áreas indígenas descontínuas, restringindo-as ao território vital mínimo em redor das aldeias, chamado de "colônia indígena". Essa forma de distribuição territorial prejudica principalmente os ianomami de Roraima, que são nômades. O território dos ianomami foi reduzido pelo governo de 7.751.945 hectares para 2.435.215 hectares (redução de 68,6%), mas reintegrado pela Justiça Federal em setembro de

## Para Funai, relatório é mentiroso

Da Sucursal de Brasília

O superintendente-geral da Fundação Nacional do Índio (Funai), coronel Airton Alcântara Gomes, disse ontem que "o relatório do Cimi, como normalmente tudo que a entidade diz, é mentira". Segundo ele, o Cimi "não quer" ver as coisas funcionarem e pretende apenas "criar confusão". Ele afirmou que somente no ano passado, a Funai demarcou uma área maior que a mencionada no relatório divulgado ontem. Alcântara disse que não tinha os números em mãos, mas afirmou que hoje contestaria mais detalhadamente os dados do Cimi.

Como exemplo de "menti-

ra" do Cimi, o superintendente da Funai citou um episódio ocorrido há três meses, no noroeste do Amazonas, na demarcação da área Yauaretê. Na ocasião, segundo ele, o Cimi teria dito que os índios, revoltados, tinham apreendido 200 tambores de gasolina de avião. No entanto, afirmou Alcântara, o combustível estava "em falta".

A assessoria do governo de Roraima negou o envolvimento do governador Jucá Filho na invasão das terras ianomami por garimpeiros. Segundo a assessoria, a Igreja é a responsável pela "destruição da cultura indígena", criando "dependência" e impondo um "Deus alienígena" aos índios.

89. A Polícia Federal agora tenta remover os invasores.

O relatório diz que a redução e o isolamento das áreas indígenas é uma ação orquestrada pelo governo com o objetivo de submeter os índios ao "mundo dos enlatados", "trituroando sua cultura". Segundo o órgão, a Funai e as Forças Armadas estão promovendo o "mais audacioso e eficiente programa" de transformação cultural e ambiental já realizado na região, favorecendo as "empresas de mineração" com suas "máquinas saqueadoras". O

Cimi diz que a política energética também é "predatória", porque ameaça os índios ao redor dos lagos formados pelas barragens. Como exemplo, cita a Usina Hidrelétrica de Balbina, que inundou as aldeias waimiri-atroari do Taquari e do Popupunã.

O Cimi afirma que as "agressões" tiveram a colaboração do governador de Roraima, Romero Jucá Filho (PFL), ex-presidente da Funai, com os garimpeiros invasores das áreas ianomami. Segundo o Cimi, a invasão já provocou a morte de cem índios.

## Fracassa 'operação saúde' para ianomami

Do correspondente em Boa Vista

O secretário-geral-adjunto do Ministério da Saúde, Luis Saraiva Leite, que coordena a "operação saúde", para tratar de índios ianomami doentes de malária, ficou surpreso ontem de manhã, ao desembarcar na reserva indígena de Surucucu, no sudoeste de Roraima: apenas nove índios foram encontrados, todos em bom estado de saúde. "Anunciam uma coisa e a gente encontra outra", disse Saraiva. Nem mesmo os técnicos da Funai sabem o paradeiro dos índios.

Na reserva de Paapiú, onde a malária matou mais de 50 ianomami de outubro a dezembro, os poucos índios encontrados acabavam de chegar de Boa Vista em aviões do garimpo, depois de

receberem alta na Casa do Índio, onde estavam internados há três meses. "A gente acredita que eles estejam fugindo da Funai para onde haja maior aglomeração de garimpeiros", disse um funcionário da entidade. Uma equipe da Superintendência de Campanhas de Saúde (Sucam) levada para a área não dispunha de equipamentos. Em seu primeiro dia, a "operação saúde" nada fez.

O dirigente da União dos Sindicatos e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal) José Altino Machado disse que a fuga dos índios para locais mais próximos dos garimpos já era prevista. Segundo ele, com a falta de assistência do governo, os garimpeiros estavam fornecendo alimentos e remédios aos índios nos últimos meses. Ma-

chado disse que as pistas de pouso situadas perto de aldeias indígenas começaram a ser evacuadas ontem. Na aldeia de Paapiú, chamada de "Vietnã brasileiro" por ativistas de direitos humanos, apenas 17 garimpeiros foram encontrados, já preparados para deixar a área. "Agora, quero saber que espécie de assistência de saúde a Funai vai dar aos índios", questiona Machado: "A degradação dos ianomami é resultado da falta de assistência da Funai, e não da presença do homem branco. O problema do índio é deficiência alimentar".

A operação de retirada de garimpeiros, prevista para começar domingo, está ameaçada de não ter êxito. A maioria deles já deixou a região, temendo um confronto com a Polícia Federal.